

Campbell, Miranda (2013), *Out of the Basement. Youth Cultural Production in Practice and in Policy*. Montreal & Kingston/London/Ithaca: McGill-Queen's University Press, 283 pp.

Apesar da grande proximidade dos seus objetos de estudo, são ainda relativamente escassas análises e estudos que ambicionam cruzar as questões da juventude, do emprego e da transição para o mercado de trabalho com o processo de crescente culturalização da economia, no seio do qual a chamada 'agenda' criativa tem vindo, nas últimas duas décadas, a atingir um particular protagonismo, seduzindo um número cada vez mais expressivo de jovens. No contexto anglo-saxónico, Angela McRobbie foi pioneira, distinguindo-se ao propor um notável cruzamento entre sociologia da juventude e da cultura, os estudos (sub- e pós-)culturais e a economia da cultura.

Out of the Basement resulta da investigação de doutoramento de Miranda Campbell e insere-se justamente nesta linha de investigação, questionando o modo como as políticas públicas têm respondido aos desafios que coloca o facto de um número crescente de jovens construir um trajeto profissional no setor cultural e criativo. Contrariamente às abordagens convencionais, que tendem a estudar o trabalho e emprego em domínios de produção cultural com uma matriz industrial (cinema ou televisão, por exemplo), Campbell debruça-se sobre diferentes percursos juvenis em transição para a idade adulta, centrando a sua análise em carreiras e projetos culturais que assumem um perfil marcadamente pessoal e/ou que assentam numa base comunitária, de pequena escala, frequentemente desenvolvidos de um modo independente e *do-it-yourself* (ou, como prefere a autora, *do-it-with-others*). Através de um aturado trabalho empírico, assente na recolha e análise de histórias de vida, realização de estudos de caso, análise

documental de fontes diversificadas e ainda na observação direta, a autora reflete sobre o modo como estes jovens canadianos (dos 18 aos 35 anos) almejam trabalhar no setor cultural e criativo de forma independente e autónoma, criando soluções de autoemprego de pequena escala, construindo e negociando os seus percursos pessoais e profissionais. Simultaneamente, Campbell analisa as políticas públicas – sobretudo nos domínios da cultura, educação, juventude e planeamento urbano –, discutindo de que modo têm potenciado ou constringido os percursos e iniciativas dos jovens. Ao longo do livro identificam-se, assim, importantes desafios e avança-se mesmo com propostas concretas para uma nova geração de políticas públicas.

Esta obra está estruturada em três partes – Práticas, Estruturas e Iniciativas –, subdivididas em sete capítulos, uma introdução e uma conclusão. Evitando uma divisão excessivamente linear, Campbell propõe um diálogo permanente entre teoria e empiria, convidando o leitor a refletir sobre diferentes problemáticas a partir de histórias de vida, excertos de entrevistas ou estudos de casos que, por sua vez, suscitam uma discussão teórica.

A primeira parte do livro centra-se na discussão de três aspetos-chave. Um primeiro aspeto diz respeito às grandes transformações em curso nos domínios da produção, distribuição e consumo cultural, dando especial atenção aos impactos da digitalização e uso crescente da Internet na forma como os jovens constroem hoje os seus percursos profissionais e se relacionam com os processos de ensino e aprendizagem. Apresenta-se, em segundo lugar, uma reflexão em torno da transformação do conceito de juventude, articulando-o com

as profundas mutações do mercado laboral. Num contexto marcado por uma crescente precariedade laboral, explora-se aqui com particular acuidade o crescente fascínio por formas de emprego menos convencionais, mais autónomas e criativas. Num terceiro ponto, Campbell analisa criticamente o posicionamento periférico da juventude num quadro em que ‘agenda’ criativa domina a esfera política e académica. A autora conclui que as concepções dominantes de indústrias criativas são desadequadas pois, por um lado, tendem a centrar-se nas esferas mais industrializadas do setor, negligenciando atividades de produção cultural de pequena escala, baseadas em abordagens artesanais e *do-it-yourself*, e, por outro lado, mantêm-se ainda arraigadas a concepções dicotómicas e puristas de criatividade e de trabalho criativo que não têm correspondência com as concepções e práticas dos jovens estudados.

A segunda parte do livro equaciona, em diferentes planos e escalas territoriais (nacional, federal, provincial e municipal), as políticas públicas relacionadas com cultura, educação e juventude. Embora as referências ao Canadá sejam aqui centrais, tecem-se igualmente análises comparativas com outros contextos internacionais (nomeadamente, com o Reino Unido). Campbell apresenta um diagnóstico crítico que, em geral, evidencia o conservadorismo das instituições públicas, as omissões a questões relacionadas com a juventude e denota ainda um preocupante desfasamento face às necessidades específicas que se colocam ao nível da formação e emprego neste setor. Em alternativa, propõe uma nova abordagem ao planeamento das políticas culturais, mais articulada e transversal, capaz de equacionar as relações entre cultura, juventude, educação e desenvolvimento comunitário. Num contexto de crise económica e social, como o atual, Campbell defende que a juventude e as

suas atividades culturais e artísticas de escala reduzida e forte enraizamento local deverão beneficiar de um outro reconhecimento político. Argumenta também ser necessário alargar e diversificar os públicos-alvo de medidas e iniciativas de emprego relacionados com a área da cultura.

A terceira e última parte do livro analisa algumas experiências que apontam perspectivas interessantes de novos modelos de organização e resposta aos desafios que hoje se colocam às políticas culturais e educativas. Assim, aborda diferentes iniciativas de jovens que trabalham no setor cultural e criativo e que, de diversos modos, procuram ultrapassar os obstáculos existentes. Para além de identificar boas práticas, Campbell analisa criticamente alguns conceitos-chave que se tornaram hegemónicos neste campo de intervenção (por exemplo o de rede), refletindo em torno das suas limitações e dos mecanismos de exclusão que têm implícitos. Sublinha a necessidade de revisão de algumas orientações de política pública apresentando, nestes três últimos capítulos, várias recomendações concretas para a melhoria dos instrumentos públicos de apoio a jovens produtores e organizações culturais. Nas conclusões, Campbell reitera a urgência de aprofundar o conhecimento das experiências e necessidades concretas dos jovens que pretendem trabalhar no setor cultural e criativo, considerando que este tipo de análises e estudos devem constituir um veículo fundamental para a revisão e aperfeiçoamento das políticas públicas. Neste sentido, defende um posicionamento mais interventivo das ciências sociais, capaz de informar criticamente as políticas públicas através de investigações atualizadas sobre juventude e culturas juvenis, processos de transição para o mercado de trabalho e indústrias culturais e criativas.

Em suma, este trabalho constitui um contributo muito relevante ao discutir, de forma rigorosa e original, um importante conjunto de questões relacionadas com políticas públicas, juventude e emprego em setores culturais e criativos. *Out of the Basement*, pelo seu esforço de articulação e reflexão crítica, a partir de fontes técnico-científicas

diversificadas e elementos empíricos originais, disponibiliza ao leitor inúmeras pistas para reflexão e intervenção que certamente poderão ser úteis quer a investigadores académicos, quer a quadros técnicos e decisores políticos.

Pedro Quintela

Bártolo, José (coord.) (2015), *Design Português. Vila do Conde: Verso da História, 8 volumes.*

Assistiu-se, nas últimas décadas, a um amplo e crescente reconhecimento da relevância política, económica, cultural e social do *design*. Contudo, em Portugal este processo tem sido substancialmente mais lento, comparando nomeadamente com outros países europeus, o que se poderá justificar pelos atrasos e as debilidades crónicas que caracterizam o desenvolvimento do seu tecido industrial, pelo carácter relativamente recente do exercício desta profissão e ainda pelas dificuldades em afirmar a sua relevância e autonomia disciplinar. Estes fatores ajudam a explicar a posição secundária a que foi votada a análise histórica do desenvolvimento do *design* em Portugal até à década de 1990 – se excetuarmos as incursões de historiadores como José-Augusto França ou Manuel Rio-Carvalho em áreas relacionadas com o *design* (como as artes decorativas, o desenho e a caricatura) –, quando surgem os contributos pioneiros de Maria Helena Souto (1991)¹ e Rui Afonso Santos (1995).² Sobretudo desde 2000, com

o desenvolvimento do ensino e investigação em *design* em Portugal, inicia-se um processo de “patrimonialização” do design nacional (Quintela, 2014)³ que se caracteriza, entre outros aspetos, pelo surgimento de vários trabalhos de análise histórica da disciplina, proliferando sobretudo abordagens monográficas ou delimitadas a certos períodos históricos.

É justamente neste quadro que *Design Português* adquire um especial interesse, assumindo explicitamente “o objetivo de colmatar a quase total ausência de obras de referência sobre a história do design contemporâneo em Portugal”. Composta por oito volumes, semanalmente distribuídos com o jornal *Público*, entre março e maio de 2015, esta publicação coletiva envolveu investigadores de diferentes gerações, filiações institucionais e formações disciplinares (história de arte, *design*, ciências da comunicação). Estruturada cronologicamente, abrange o extenso período de 1900 a 2015, incidindo os seis volumes

¹ Souto, Maria Helena (1991), “‘Design’ em Portugal 1980-1990 – Dispersão Pluralista”, in José-Augusto França (programação e introdução), *Portugal moderno. Artes e letras*. Lisboa: Pomo, 99-117.

² Santos, Rui Afonso (1995), “O design e a decoração em Portugal, 1900-1994”, in Paulo Pereira (dir.), *História da Arte Portuguesa, Vol. III – Do barroco à contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 437-505.

³ Quintela, Pedro (2014), “Processos de ‘patrimonialização’ do design em Portugal: algumas reflexões”, *Cabo dos Trabalhos*, 10, 1-21. Consultado a 18.04.2016 em http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/9.1.2_Pedro_Quintela.pdf.